

UM ANTIGO HOMEM MODERNO NORMAL

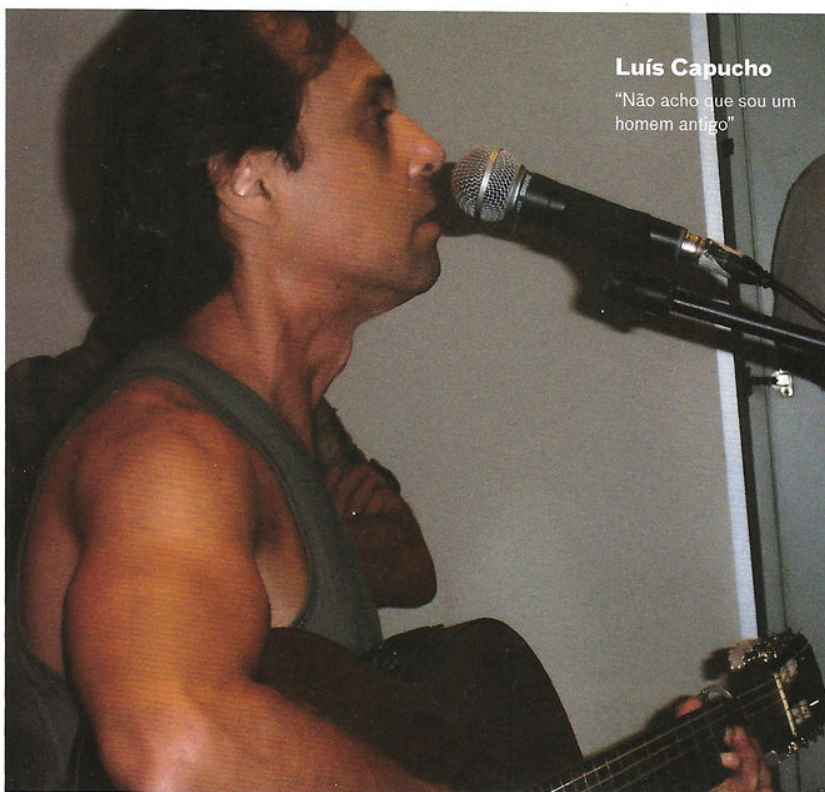
Com novo CD e planejando novo livro, **Luís Capucho** conta como superou um coma e critica rótulos para a Literatura

Luís Capucho é um capixaba de 50 anos, "com corpinho de 30", que viu na arte de escrever a chance de superar as sequelas de um coma causado pela baixa imunidade provocada pelo vírus HIV. Lançando um novo disco, **Antigo**, ele se diz feliz, com a vida totalmente reestabelecida e com o coração pleno de amor ao lado do namorado com quem divide suas horas há seis anos. Seu mais novo disco traz um Luís mais ameno, menos rude e punk, como ele mesmo diz, do que o atual – um homem que após um mês em coma pegou o papel e a caneta para colocar em linhas as emoções sentidas por ele, ou criadas a partir de sua observação do mundo.

De onde vem o nome "Antigo"?

Eu sou de Cachoeiro do Itapemirim, que é a terra do Roberto Carlos. Ele tem duas fases que as pessoas quando vão se referir a ele usam. O Roberto Carlos de antigamente é o Roberto antigo, então tem gente que prefere o Roberto Carlos antigo, da década de 70, e não gosta do Roberto Carlos atual. Como sou de Cachoeiro também, eu quis fazer uma brincadeira com esse Roberto Carlos antigo. Queria dar o nome ao disco de "Luís Capucho Antigo", porque é um Luís Capucho que canta antes da voz estar com a seqüela e antes de eu descobrir que eu poderia fazer livros.

Mas você gosta mais do Roberto Car-



Luís Capucho
"Não acho que sou um homem antigo"

los antigo ou o atual?

Na verdade eu gosto de todos, mas o antigo é muito legal.

Você se considera um homem antigo?

Não, acho que eu não sou antigo não. Acho que eu também não sou moderno. Se me olhar na rua ninguém me percebe, eu sou um cara que ninguém saca no meio de todo mundo. Eu sou normal. Porque a pessoa moderna, quando você vê ela no meio de um monte de gente, você saca, entende? Eu não tenho essa visibilidade, mas eu acho que eu sou moderno sim.

O CD sai com 15 músicas que foram feitas pensadas em quê?

Eu aprendi a tocar violão com 23 anos. Das músicas que eu comecei a fazer com 23 anos até chegar aos 30 eu escolhi as melhores que eu achava e resolvi mostrar no show. O CD é só virtual por enquanto, já está disponível para download gratuito no site www.luiscapucho.com.

Por que você decidiu fazer de graça?

Eu não ganho dinheiro com música. Então pensei: se eu não ganho dinheiro com música, por que eu vou fazer um disco para vender?

Como surgiram essas sequelas na sua voz que você citou antes?

Eu tive neurotoxoplasmose por conta da baixa imunidade por causa do HIV. Isso foi em 93. Então fiquei um mês em coma e quando acordei não consegui falar nem andar, e fui reaprendendo a andar. Eu tive uma seqüela chamada incoordenação motora, fiquei todo descoordenado. Como a voz também é um lance motor, para você falar você tem que controlar os músculos da língua e da boca, eu não tinha esse controle, não tinha coordenação. Não conseguia mais falar direito nem tocar violão, e aí aos poucos eu reaprendi a falar, cantar e tocar, só que não da mesma forma. Eu comecei a cantar de um jeito mais rude, mais punk, mais batido por conta da incoordenação. Esse registro que eu estou disponibilizando agora é dessa fase antes do coma, da seqüela, onde eu era um compositor mais normal, com

uma voz mais branda, embora os meus temas já denunciasses essas composições mais cavernosas.

Quais são esses temas pelos quais você passeia nessas composições?

São temas subjetivos, pessoais. Eu falo de amor, de sexo, de poltrona de mãe, as coisas que eu vivenciava e que vivencio. Coisas quase autobiográficas.

Dessa nova fase mais punk e rude, tem alguma coisa que vai ser lançada?

Eu já lancei o "Lua Singela" (Astronauta Discos – 2003), que foi o primeiro disco, e no ano passado eu lancei o "Cinema Íris" (Multifoco), que é um disco que faz uma dobradinha com o livro "Cinema Orly" (Editora Interlúdio – 1999). Quando eu tive as sequelas, achei que não conseguisse mais fazer música, aí comecei a escrever. Escrevi "Cinema Orly", "O Rato" e agora escrevi o "Mamãe me adora" (Editora Vermelho Marinho – 2012). Com as sequelas eu acabei distribuindo as minhas possibilidades de expressão, tanto musical quanto literária. Eu precisava assinar as coisas, precisava usar a minha letra.

E hoje em dia como você se sente? Você superou essas limitações que vieram com o coma?

Olha, eu estou quase normal, eu só não consigo sair correndo, se for pegar um ônibus e ele estiver fora do ponto e eu tiver que correr até lá eu não consigo, mas é a única coisa. No violão estou cada dia melhor, a voz também cada vez melhor para cantar. Eu acabei ganhando porque agora eu juntei livro e disco, o disco antigo

DISCOGRAFIA

- 2012: *Cinema Íris* (Luís Capucho)
- 2003: *Lua singela* (Luís Capucho)
- 1997: *Ovo* (vários artistas – participação)

BIBLIOGRAFIA

- *Cinema Orly*, Editora Interlúdio, 1999.
- *O Rato*, Editora Rocco, 2007.
- *Mamãe me adora*, Editora Vermelho Marinho, 2012.



agora está aparecendo no meio dos discos novos. O "Antigo" é um disco onde eu estava mais novo, eu achava que eu nunca fosse conseguir me aproximar dessa voz, desse violão, mas hoje estou começando a chegar próximo do que era antes. Eu me sinto quase que fechando um ciclo. Porque para eu assumir esse disco antigo demorou muito, e para eu assumir esse Luís Capucho novo também foi difícil, porque tinha a referência do antigo. É uma coisa complicada, você está conseguindo me entender?

Sim, você estava perdido entre o antigo Luís e o novo.

Sim, e agora eu estou começando a juntar os dois. O antigo e o novo são diferentes. O antigo é mais fácil de ouvir, é mais melódico, mais suave, mais limpo.

O novo Luís Capucho, que lança "Antigo", está solteiro?

Não, eu tenho namorado. É meu primeiro namorado, faz seis anos que namoramos. É o primeiro porque antigamente eu era o maior galinha. Eu acho meu namorado muito, muito legal, é muito bom.

Morando em Niterói, você é daqueles que estão sempre na praia ou prefere mais ficar em casa com o namorado?

Eu sou muito caseiro, mas o Pedro, meu namorado, é todo diferente de mim. Ele adora sair, adora conversar, adora festa, dormir tarde. É o contrário de mim, então eu acabo indo com ele à praia, saindo com ele.

O que a idade te trouxe de melhor?

Acho que o melhor foi ficar menos tímido. Eu era muito travado, na medida em que eu fui ficando mais velho, fui elaborando melhor a minha expressão. Facilitou a minha comunicação. Antes eu era muito confuso e muito tímido. Quer dizer, eu ainda acho que sou muito confuso, mas menos tímido. Me acho confuso, contraditório, falo uma coisa, penso uma coisa que se contradiz no próximo pensamento, entende?

E o que de pior ela te trouxe?

De pior... Olha, por enquanto não me trouxe nada de ruim. Pode ser que quando eu ficar mais velho eu vá sentir que estou decadente fisicamente.

Existe uma Literatura Gay? Ou tudo é somente Literatura e ponto final?

Eu acho que não se pode rotular como Literatura Gay. Porque você vê que nós gays estamos conquistando cada dia mais espaço, cada dia estamos ficando mais oficiais, digamos assim, saindo da clandestinidade. Cada vez mais incluídos, mas a gente ainda não é incluso. A gente ainda tem um pé na clandestinidade. Então se você rotula uma literatura de Literatura Gay, você traz para ela essa subcoisa, não é Literatura, é uma sublitteratura. Eu prefiro dizer que não existe Literatura Gay, existe Literatura, ela é uma só. Tem pessoas que escrevem sobre homossexuais e isso independe da orientação sexual delas e independe se é Literatura Gay ou Literatura ou Literatura maior ou menor. Eu acho que é tudo Literatura, prefiro não sectionar. Você acaba limitando, inclusive o leitor.